

Considerações sobre a arte verbal indígena: Watunna Ye'kwana
Considérations sur l'art verbal indigène : Watunna Ye'kwana
Considerations on indigenous verbal art: Watunna Ye'kwana

Isabel Maria Fonseca¹
Fábio Almeida de Carvalho²

Resumo: É comum ouvir que o arcabouço teórico empregado para classificar/interpretar textos literários é inapropriado para subsidiar abordagens calibradas dos artefatos verbais indígenas que circulam na cultura brasileira. Tendo como *corpus* 2 versões de *Watunna*, o conjunto mitológico do povo Ye'kwana, habitante da fronteira Brasil-Venezuela, o trabalho discute como a circulação desses textos em espaços culturais diversos e em diferentes esferas do conhecimento humano conformam textos híbridos que se prestam a múltiplos usos.

Palavras-chave: Watunna; arte verbal indígena

Mots-clés : Watunna ; art verbal indigène

Keywords: Watunna; indigenous verbal art

¹ Professora da UFRR/Brasil: bebefonseca@yahoo.com.br

^{2 2} Professor da UFRR/Brasil: fabio.carvalho@ufrr.br

Versões de *Watunna* põe em jogo um processo de tradução que envolve dimensões culturais e poéticas, éticas e políticas, e as inevitáveis perdas e ganhos decorrentes da passagem de oralidade para a escrita, bem como as transformações derivadas da transposição cultural, tornam desafiadoras tanto a classificação quanto a análise de textos ameríndios.

Reconhecendo que a literatura é uma instituição estranha, multiforme e incharacterística, que nunca apresentou limites e fronteiras definitivas, e que a “virada epistemológica” que ora vivenciamos estabelece novas bases para as relações mantidas entre *sujeitos* e *objetos*, buscamos demonstrar que inclusões e exclusões não são novidade nos estudos literários, e que a literatura indígena traz uma carga de alteridade que desafia modos de interpretação consolidados.

O campo literário se caracteriza por movimentos de contração/expansão, exclusão/inclusão de novos objetos. A Literatura sempre foi uma instituição relativamente aberta à inclusão de novos temas e formas, inclusive aquelas que ultrapassam o humano. Até as plantas, com sua inteligência silenciosa, podem inspirar novas formas de expressão literária (Nascimento, 2021).

Textos indígenas também têm sido valorizados porque incorporam à condição humana aquilo que na história do pensamento era caracterizado como “não humano” e “inumano”. Daí surgem as noções de “pós-humano”, “além-do-humano”, e “que-humanos”, que ampliam a noção de humanidade.

A vitalidade, capacidade de permanência, transmissão e circulação desses artefatos de história e de cultura são exemplares sobre como o patrimônio verbo-literário indígena vem assumindo inédita importância em diferentes campos discursivos: Etnografia, Antropologia, História, Literatura, chegando ao âmbito dos discursos de ordem jurídica.

Valorizados pelas funções históricas, sociais, etnográficas e estéticas, esses textos têm se cingido das funções de afirmação identitária e de documento pertinente para o reconhecimento territorial, no campo jurídico. Textos de fundo etiológico têm servido para fortalecer a luta pela demarcação de territórios indígenas. Indicial nesse sentido é o caso do *Watunna Ye'kwana*.

Wätunnä são os cantos e histórias que narram as origens do povo Ye'kwana. Conforme acreditam os Ye'kwana, *Watunna* orienta sobre como proceder perante diferentes aspectos da vida. *Watunna* é concebido como forma de sabedoria a ser preservada porque os saberes e determinações que os definem como povo e sociedade estão em *Wätunnä*. *Wätunnä* conforma as peculiaridades da sociedade ye'kwana, sendo forma privilegiada de apreensão da cultura e do modo de ser, estar e agir.

Watunna foi pioneiramente registrado por M. de Civrieux que, entre 1950 a 1970, coletou as narrativas, e depois as publicou como *Watunna, mitologia Makiritare* (1970). Para Brotherston (2004, p. 6) *Watunna*, de M. de Civrieux, é “um clássico da Literatura Indígena. Também se destaca nessa cadeia a versão indígena do ye'kwana brasileiro Marcos Rodrigues. Publicado em 2019 em versão bilíngue, com o título de *Histórias e Saberes Ye'kwana*.³

³ O texto resultou de um Trabalho de Conclusão que orientei no Curso de Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran/UFRR. Trata-se da versão do *Wätunnä* produzida por Marcos Rodrigues, ye'kwana que coletou o material etnográfico com Vicente Castro Yuudawaana, o mais respeitado “dono de cantos e de histórias”, entre 2016 e 2018, na comunidade *Kudaatannha*/Terra Indígena Yanomami. Vicente Castro era pai de Marcos de

Essas representações têm servido de base para a manutenção da coesão do grupo frente aos apelos da modernidade, assim como ajudam a configurar e a demarcar o território que hoje é ocupado pelos ye'kuana. Contos etiológicos constituem casos exemplares sobre como representações da presença de corpos são importantes para a conformação de territórios, em termos físicos e simbólicos. Esse tipo de representação tem facilitado a consideração jurídica, geográfica, econômica, histórica e política dos elementos da natureza, tornando-os sujeitos ativos em processos de demarcação e de retomada de territórios ancestrais.

As histórias iniciam num tempo primordial, quando tudo era dotado de dimensão ontológica e coisas e seres têm vida e voz: os sol/is, a terra, os animais: tatus, formigas, besouros e plantas, por exemplo. Seres e coisas apresentam dimensão humana – prova de que a lógica dessas narrativas opera com espécie de radical recusa da centralidade do sujeito. No começo, “havia apenas os sóis e as dimensões celestes por eles habitadas. Tudo então se resumia à luz emanada por eles, luz criadora, potência de vida”. Trata-se do tempo em que a Terra era oca, “apenas uma casca”. A crosta da Terra de então era “pura lama”, e além disso sequer na terra “havia ar para respirar”.

Nesse tempo, *Wanaasedu*, o Sol que habita a Casa de Cristal, decide “criar pessoas para povoar a Terra”: *So'to*, o primeiro humano. Mas era necessário preparar a Terra e, para isso, os sóis contaram com a ajuda de *Iyaawa*, que recorre a *Manuuda*, dono de *noono* (terra), e *Kwamedu*, que peneirou terra e jogou sobre a lama: “O primeiro lugar onde *noono* caiu foi em *Kamasonha*”, que fica no centro do território Ye'kwana. “Para fortalecer a Terra, enviaram *Maduda*, um enorme tatu”, que “misturou”, “com suas unhas” *noono* (terra) a *Adetaku Kawa* (A Terra). Depois, foram enviados “vários seres: diversos tipos de formigas, besouros, tatus, para que remexessem e misturassem bem a terra”.

Depois de remexida a Terra, ocorre “um grande incêndio”, seguido de “uma grande enchente”, eventos que dão conta do processo de criação e posterior resfriamento da crosta terrestre, assim como dos sucessivos cataclismas que moldaram sua superfície. A narrativa trata das grandes eras geológicas, marcadas por mudanças significativas no ambiente do planeta.

Para Brothestron (2004, p. 4), o fundo cosmogônico de *Watunna* aponta para aquilo que “o Ocidente considera ciência, nos campos da geologia, da zoologia, da evolução das espécies, da astronomia e da medicina”. Diferentemente do que configura o imaginário ocidental, onde “o grande dilúvio sempre foi visto como só um entre os vários cataclismas que tiveram impacto sobre a formação da terra”, *Watunna* aponta para a complexidade da formação do Planeta, descrevendo como ele foi sendo geologicamente conformado por uma sucessão de eventos climáticos.

Watunna é como uma *Poética da Terra*, cujos esteios se assentam na consciência em relação aos processos geológicos de criação do Planeta e de demarcação simbólica do território ye'kwana. Os motivos estruturantes da narrativa cosmogônica têm a ver com o caráter progressivo da conformação geológica do Planeta, com a demarcação simbólica do território ye'kwana, e com as qualidades e desvirtudes que moldam o caráter dos homens que o povoam.

A narrativa informa sobre as condições de vida na terra e a decisão de povoá-la, criando “*So ’to*, o primeiro humano”. *So ’to* é observado na juventude e, quando *Wanaasedu* percebe que ele “não tinha bons pensamentos” porque era invejoso e desejava tomar seu lugar, o Criador o nomeia de *Odo ’sha*, e decide exilá-lo enviando para um lugar distante: *Kajunhadewa Kajöi*. Sentindo-se diminuído por ter sido descartado “como casca de fruta”, *Odo ’sha*, planeja tomar o lugar de *Wanaasedu*. Mas nem assim *Wanaasedu* desiste do intento de povoar a Terra e o faz criando homens bons: os Ye’kwana.

Kuyujani partiu de *Kamasonha*, da serra *Ye ’kwanajödö*, para os diversos lugares que demarcam os limites do território *ye ’kwana*. À medida que ele vai-se deslocando, e que *Odosha*, o duplo-inimigo, vai criando diferentes povos, com o fim de atrapalhar sua missão povoadora, *Wanaddi* vai também criando “gente boa na terra”. Nesse movimento, vão se definindo os territórios dos diferentes povos que moram no entorno do Roraima. Cada povo criado é dono de uma peculiaridade que o torna singular.

Nesse ambiente, *Watunna* vem ganhando novos sentidos, ao tempo que contribui para configurar e demarcar o território que hoje é ocupado tanto pelos indígenas ye’kwana, quanto pelos demais povos indígenas habitantes dos territórios brasileiro e venezuelano.

Referências

- BROTHERSTON, Gordon. Mitopoética e textualidade: o caso da América indígena. *Revista Polifonia* N. 9, V.9, 2004. Acesso em 10 maio 2023.
- CIVRIEUX, Marc de. *Watunna – Mitologia Makiritare*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1970.
- NASCIMENTO, E. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- RODRIGUES, Marcos. “Histórias e Saberes Ye’kwana”. In: CARVALHO, Fábio Almeida; FONSECA, Isabel Maria; RAPOSO, Celino Alexandre (Orgs.). *Leitura de textos indígenas*. Boa Vista, RR. Editora UFRR, 2019. [Leitura e textos indgenas \(11\).pdf](#)
- FONSECA, Isabel Maria. *Poéticas e políticas do Circum-Roraima: o caso do Wätunnä Ye’kwana*. Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPA. 2024. (Tese Doutorado).